

As comunidades alemãs frente ao nazismo no Brasil e no Chile: uma História comparada¹

PAULA, Rogério Henrique Cardoso de²

Resumo: Este estudo procura analisar, comparativamente, dois grupos-país do Partido Nazista (*Landesgruppen der NSDAP*), nos anos de 1930 e 1940, presentes no Brasil e no Chile, e suas relações com as comunidades alemãs instaladas nestes países. Objetivamos, também, ponderar as relações entre os núcleos do NSDAP e os governos dos países hospedeiros (*Gastländer*) e, juntamente, as relações diplomáticas entre os países latino-americanos citados e a Alemanha, sobretudo no período da Segunda Guerra. O ideário nacionalista pangermânico, que imbuíu, sobremaneira, o discurso nazista que tinha como alvo os alemães no exterior, é, ainda, objeto de reflexão deste estudo. Além disso, analisamos as relações entre o NSDAP e os movimentos nazistas locais – Integralismo no Brasil e Nacismo no Chile. Diversos fatores, tanto internos como externos (por exemplo: a neutralidade chilena mantida até 1943, o caráter mais urbano da comunidade alemã chilena, a própria inobservância aos requisitos para decidir quem poderia ou não ingressar nas fileiras do NSDAP por parte do *Landesgruppe* (grupo país) no Chile, entre outros), contribuíram para o maior sucesso do processo de doutrinação nazista no Chile em relação àquele empreendido no Brasil.

Palavras-chave: América Latina; Comunidades Alemãs; Nazismo.

The germans communities against nazism in the Chile and in the Brazil: comparative History

Abstract: This study attempt to analyze, comparatively, two countries-groups of Nazi Party (*Landesgruppen der NSDAP*), in the 1930's and 1940's, existing into Brazil and into Chile, and his relationships with Germans communities installed in this countries. We aimed, also, ponder the relationships between the NSDAP's cores and hosts countries' governments (*Gastländer*) and the diplomatic relations between the Latin Americans countries cited and Germany, especially on the Second War's period. The pan-Germanic nationalist ideals, which it imbued, greatly, the Nazi discusses that it had like target the Germans in the foreign, is, also, reflection object of this study. Besides, we analyze the relationship between the NSPAD and local fascists groups – Integralism in the Brazil and Nacism in the Chile. Various internal and external reasons (for example: the Chilean neutrality maintained until 1943, the urban character of the Chilean German community, the disrespect the rules of who could or couldn't join the NSDAP etc) contributed to success of the nazist doutrination process in the Chile with respect to that done in the Brazil.

Keywords: Germans communities; Latin America; Nazism.

¹ Artigo apresentado como fruto da pesquisa de iniciação científica de mesmo título, inserida no projeto intitulado “O Nazismo e as Comunidades alemãs nas Américas”, sob orientação do Prof. Dr. Rafael Atháides, e subsidiada pela CPQ/PROPP.

² Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

No período que engloba os anos finais de 1920 e os iniciais de 1930, constituíram-se os primeiros núcleos do NSDAP no Brasil e no Chile. Segundo Moraes (2008), no caso brasileiro, o primeiro grupo local oficial (*Orstgruppe*) do Partido Nazista foi formado em Timbó-SC, em 1928. (2008, p. 203). Isto também é ratificado por Dietrich (2007, p. 170), em seu estudo sobre a tropicalização do nazismo no Brasil. Gaudig e Veit (1995, p. 3), por sua vez, assinalam que “En Brasil, el NSDAP se formó ya a fines de los años veinte, aunque oficialmente al principio de los treinta.”

Analogicamente, no Chile, o primeiro *Orstgruppe* foi estabelecido em Santiago, no prelúdio de 1932 (GAUDIG E VEIT, 1995, p. 3). Para Maldonado (2005), o NSDAP no Chile foi fundado em Santiago em 1931, por Willy Köhn – que, inclusive, foi presidente do *Landesgruppe* (grupo-país) chileno –, Richard Zeissig e pelo general Von Knauer.

Independentemente de se estipular com exatidão quando e onde se estabeleceu o primeiro núcleo do NSDAP no Brasil e no Chile, a atuação do NSDAP nestes dois países merece considerações e reflexões que objetivem dar luz à forma com que a inserção quanto do partido como do ideário nazista ocorria no âmago das comunidades de alemães natos e teuto-descendentes instaladas nestes dois países. Isto também nos possibilita apreciar a maneira com a qual a Alemanha nazista se relacionava com essas comunidades, e como se sucediam as relações diplomáticas entre este país e os países sul-americanos citados.

Como será salientado com mais acuidade no decorrer deste estudo, o ideal de se consolidar vínculos com os *auslandsdeutsche* (alemães no exterior) foi tal que este intuito se configurou como o objetivo secundário da agenda de política externa da Alemanha nazista. No mais, ficava a cargo da AO (*Auslandsorganisation der NSDAP* – Seção do Partido Nazista para o Exterior) a “nazificação” das comunidades alemãs no estrangeiro. Mas este objetivo deveria ser posto em prática com parcimônia, pois não poderia prejudicar as relações econômico-diplomáticas entre os países hospedeiros (*Gastländer*) e o Estado nazista. (NOCERA, 2005).

Não obstante a isto, os núcleos do NSDAP fora da Alemanha começaram a se constituir, sobretudo, no final dos anos de 1920 e início dos de 1930. Este período condiz com o início da ação dos adeptos do nacional-socialismo na América Latina (GAUDIG E VEIT, 1995, p. 2). Conforme Morais (1996), os grupos nazistas no

exterior, no início, estavam aquém da estrutura partidária nazista. Daí surge em 1931 a *Auslandsorganisation* (AO), como uma seção do partido, que estava incumbida “de estruturar formalmente e dirigir as atividades destes grupos [grupos nazistas no exterior]”. (1996, p. 68). Com a chegada de Hitler ao poder em 1933, a AO tentava ampliar sua ação, “atribuindo-se a responsabilidade por todos os cidadãos alemães residentes no estrangeiro [...]” (1996, p. 68). Portanto, a própria criação e desenvolvimento da AO ocorreu concomitantemente com a formação de núcleos do NSDAP em outros países o que tornou impreterível o estabelecimento de vínculos com estes núcleos, de forma a integrá-los na estrutura partidária nazista.

No que se refere ao processo de análise comparativa, as estratégias de “nazificação” das comunidades alemãs, por parte do NSDAP e das diretrizes da Seção do Partido Nazista para o Exterior, as quais intentavam reger a ação dos nazistas nos *Gastländer*, se deram de maneiras distintas entre o cenário chileno e o brasileiro. Isto se deveu, especialmente, a conjuntura política interna destes países, as quais serão estudadas.

Faremos uma análise das relações diplomáticas brasileiras e chilenas para com a Alemanha que se sucederam nas décadas de 1930 e 1940. Sabe-se que o quadro diplomático, sob o desenrolar da Segunda Guerra, ficou delicado, e o assunto militar esteve sempre em pauta nas agendas de política externa de ambas as nações latino-americanas. Esta conjuntura externa tendeu a ficar mais complexa após o ataque japonês a Pearl Habor em 1941, que culminou com a entrada dos norte-americanos na guerra. Segundo Nocera (2005, p. 15), no que diz respeito às “relaciones chileno-estadunidenses en 1941”, “El ataque a Pearl Habor representó un movimiento de cambio”. Devido a este preponderante aspecto, ponderaremos como esta conjuntura externa estava vinculada com a ação do NSDAP nestes países, e como a postura das nações mencionadas face ao conflito bélico possibilitou uma maior liberdade ou não no desenvolvimento das atividades doutrinárias do NSDAP.

As diretrizes da Seção do Partido Nazista para o Exterior, os vínculos que os *Landesgruppen* (grupo-país) estabeleceram com os movimentos fascistas nativos, a conduta que as seções do NSDAP mantiveram frente às políticas internas brasileiras e chilenas configuram-se como objetivos no bojo da análise proposta. Isto se justifica pelo nosso intento de, por meio de um prisma comparativo, auferir as já mencionadas divergências e convergências tanto na tentativa de inserção do

NSDAP nas comunidades de imigrantes e descendentes alemães como as também divergências e convergências na ação do NSDAP no seio dos países hospedeiros.

Elucidaremos a própria noção de nacionalidade alemã (*volks*), ligada à ideia de “grande Alemanha”, pregada pelos pangermanistas dos oitocentos, e a de espaço vital (*lebensraum*) imbuídas na constituição do ideário, utilizado em demasia pelo NSDAP, na tentativa de integração de todos os alemães espalhados pelo mundo sob a égide do *Reich* e do *Führer* (o ideal da *Volksgemeinschaft*, a Comunidade Étnica do Povo).

Por fim, nosso objetivo principal é analisar, comparativamente, a ação do NSDAP (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) junto às comunidades de *Volksdeutsche* (teuto-descendentes) e *Reichsdeutsche* (alemães natos) no Brasil e no Chile. Estudaremos, através da historiografia sobre o núcleo do NSDAP no Chile e no Brasil, de fontes diplomáticas, e à luz da noção de “jogos de dois níveis” em relações internacionais (PUTNAM, 2010), as relações econômico-diplomáticas estabelecidas entre a Alemanha nazista e os estados latino-americanos citados, e se estas relações tiveram alguma influência na ação do NSDAP nestes países.

A SEÇÃO OU ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO NAZISTA PARA O EXTERIOR (AUSLANDSORGANISATION – NSDAP-AO) E O IDEAL NACIONALISTA DOS PANGERMANISTAS

Não obstante o intuito econômico, que, per si, era o central nas relações brasileiro-alemãs e chileno-alemãs do período em questão, havia, por parte da Alemanha, o objetivo de estabelecer maiores vínculos com as comunidades alemãs instaladas nestes países latino-americanos assim como em outros, onde havia imigrantes alemães, e de doutriná-las conforme o ideário nazista. Nocera (2005, p. 3) assinala que:

[...] objetivo era el de consolidar los vínculos con las comunidades alemanas y nazificar las organizaciones en el extranjero, proceso que, sin embargo, no habría tenido que perjudicar los intercambios comerciales ni tampoco poner en peligro las relaciones diplomáticas.

Em segundo plano, existia o intuito de inserir as comunidades alemãs, especialmente os *Reichsdeutsche* (alemães natos), na lógica nazista e cooptar membros para as fileiras do partido. Todavia, este intuito não poderia influir negativamente nas relações diplomáticas e econômicas entre os países-hospedeiros

(*Gastländer*) e o Estado nazista. Por isso, a Organização do Partido Nazista para o Exterior, a *Auslandsorganisation*, foi constituída e como tal era responsável por elaborar diretrizes que deveriam ser seguidas pelos partidários durante suas ações no seio das comunidades de alemães e de descendentes no exterior.

A *Auslandsorganisation der NSDAP* – NSDAP-AO, fundada em 1931 – estava incumbida de reger a maneira com que os *Landesgruppen* deveriam agir no meio dos países hospedeiros de forma a integrar os alemães estabelecidos no exterior à Comunidade Étnica do Povo (*Volksgemeinschaft*) (MORAES, 1996). Podemos concebê-la como uma parte considerável do aparato administrativo do Partido Nazista, antes de 1937, quando a AO é integrada ao aparato estatal nazista; localizava-se no terceiro nível hierárquico, abaixo somente do Führer (Adolf Hitler) e do *Stellvertreter des Führers* (vice-führer), Rudolf Hess, que ocupava o segundo nível. (DIETRICH, 2007, p. 143-144). O ideário nazista possuía como pilar a tradição nacionalista alemã, vigente desde o final dos oitocentos. Tal tradição pregava a necessidade de se estabelecer vínculos com as agremiações e núcleos “coloniais” alemães em outros países, almejando consolidar uma grande e imaginária comunidade alemã, tanto do ponto de vista étnico como do cultural (*kultur*) e ligada à idéia de *Volks* (nação). As reflexões de Moraes sobre o nacionalismo alemão e sua inextricável ligação com o discurso nazista, mostra-nos que a noção de “*Volks*”, ponto nevrálgico do ideário nacionalista alemão do século XIX, “se constitui em uma categoria de pertencimento.” (MORAES, 1996, p. 7). Categoria de pertencimento essa que definia o indivíduo pertencente ao *Volks* por meio de seus traços fenotípicos e culturais.

Antes de elucidar pormenorizadamente o uso do ideário nacionalista alemão como sustentáculo do discurso nazista, faz-se imprescindível analisarmos o próprio ideário nacionalista alemão. Como salienta Moraes (1996, p. 26) “[...] se Hitler é o herdeiro do nacionalismo do século XIX”, é necessário estipular “qual dos nacionalismos” se trata. O autor conclui que “os nazistas [...] são caudatários não das formulações do nacionalismo liberal, mas sim daquelas que, a partir do final do século XIX, foram encaminhadas pelos diversos movimentos pangermanistas do século XIX.” (MORAES, 1996, p. 26). Sendo assim, “os nazistas são partidários de uma ‘Grande Alemanha’.” (MORAES, 1996, p. 26). Desta forma, é plausível inferirmos que os nazistas se apropriaram da ideologia do *Volks*, e tal apropriação fizera com que os mesmos pautassem sua política externa conforme a noção da

Volksgemeinschaft (a Comunidade Étnica do Povo), vigente deste a última década do século XIX, período em que o movimento pangernamista se organizou “com ambições políticas mais definidas [...], em torno da Liga Pangermânica – *Alldeutscher Verband*.” (MAGALHAES, 1998, p. 105).

Aos pangermanistas, uniam-se, como coloca Magalhães (1998), uma variada gama de nacionalistas alemães e, também, agremiações que compartilhavam dos anseios nacionalistas advogados pela Liga Pangermânica. Dentre elas, destacava-se o Partido Popular Nacional Alemão (*Deutsche Nationale Volkspartei*) que dava apoio à Liga Pangermânica e, como outros partidos de mesmo caldo ideológico, lutava para “aprovar diversas medidas de seu interesse no parlamento.” (MAGALHÃES, 1998, p. 105). Três objetivos deste partido e, conseqüentemente, dos pangermanistas, serão cooptados, de certa forma, pela *Auslandsorganisation*. São eles: “Divulgação e propagação dos planos expansionistas da germanidade;”, “União integral da germanidade em todo o mundo;” e por último “Campanha em favor da germanidade no exterior.” (MAGALHÃES, 1998, p. 105). Estes intuitos dessas agremiações, sobretudo da Liga Pangermânica, foram futuramente convertidos e coadunados aos interesses nazistas no exterior.

O aparato estatal nazista-alemão, assinala Bertonha (2002), possuía, referente a sua política externa, um caráter expansionista. Isso se deveu, em partes, a própria influência ideológica da Liga Pangermânica, que pregava um nacionalismo agressivo, de cunho bélico e tinha a ideia de *Lebensraum* (espaço vital) como algo essencial para o desenvolvimento da suposta “raça superior ariana”. (MORAES, 1996, p. 14). Contudo, este caráter expansionista não resultava, necessariamente, em um plano elaborado, com diretrizes a serem seguidas durante o intento de domínio do mundo pelo *Führer* e para “a raça ariana”, como o tinha supostamente os japoneses, por exemplo, no caso do “Memorial Tanaka” (CROW, 1942). De acordo com Bertonha (2002, p. 7):

É efetivamente difícil acreditar que os nazistas tivessem um plano perfeito e articulado de conquista do mundo. Por outro lado, podem-se localizar tendências claras dentro do expansionismo nazista, facilmente identificáveis na sua ideologia. Nesse sentido, não há dúvida de que, na ideologia nazista, nada menos do que o domínio do mundo seria aceitável, com a eliminação total do judaísmo e a supremacia da cultura e da raça superiores [...].

Este caráter expansionista fora tão notório no arcabouço ideológico nazista a ponto de Erich Fromm (1970), estudioso do tema, citado e elucidado por Moraes (1996), na historiografia sobre o nazismo, enfatizar que “o sistema nazista é a versão ‘aerodinâmica’ do imperialismo alemão de antes da Guerra (...)” (MORAES, 1996, p. 18). E a AO, como parte integrante do corpo do Partido e, futuramente, do Estado, bebia desta noção e “deveria [...] aglutinar e organizar as associações nazistas que estavam fora da Alemanha”, controlar os alemães no exterior e encontrar “adeptos para a causa nacional-socialista” (DIETRICH, 2007, p. 144-145). A geografia, teoricamente, não se configurava como óbice ao ideário de integração e doutrinação nazista: o da Comunidade do *Volks*, de “unir” os alemães natos em um império. “Onde houvesse sangue alemão” – aspecto do *jus sanguinis*, apreciado também por Magalhães (1998) e cerne do projeto imperialista pangermânico –, “haveria simbolicamente a Alemanha.” (DIETRICH, 2007, p. 145).

Ademais, “[...] a nazificação de alemães no exterior atendia ainda a um outro objetivo, qual seja, o de formar um reservatório de cidadãos do *Reich* para o caso de necessitarem recrutá-los em um eventual conflito militar.” (MAGALHÃES, 1998, p. 136). Além disso, deve-se levar em conta o fator eleitoral dos *Reichsdeutsche* (antes da derrocada da democracia na Alemanha) no ascenso do NSDAP ao poder. Por isso, pondera esta autora, a AO somente admitia em seus quadros e, conseqüentemente, como partidários do NSDAP, os *Reichsdeutsche* em detrimento dos *Volksdeutsche*, pois estes primeiros possuíam uma ligação jurídica com o Estado – cidadania alemã.

Relativo aos *Volksdeutsche* (teuto-descendentes), ou seja, os alemães que nasceram fora da Alemanha e não gozavam de uma ligação jurídico-civil com o Estado como os alemães natos (*Reichsdeutsche*), estes, em certas ocasiões, eram extirpados das associações alemãs – como o Front Alemão de Trabalho (*Deutsche Arbeitsfront*) e do NSDAP –, devido às suas duplas nacionalidades e à ação de alguns deles na política local do país-hospedeiro. Uma circular de Ernst Wilhelm Bohle, chefe da *Auslandsorganisation*, de 18 de maio de 1938, pleiteava, claramente, o afastamento dos teuto-descendentes: “Afastamento dos *Volksdeutsche*; demissão dos *Volksdeutsche* e pessoas com a dupla nacionalidade do Partido, do Front Alemão de Trabalho e de suas formações; separação dos nacionais alemães das organizações *Volks-deutsch* com objetivos políticos [seriam as associações que estavam engajadas politicamente nos países-hospedeiros].” (O

III REICH E O BRASIL, 1968, p. 63). Este despacho deixava claro a cisão que existia entre os *Reichsdeutsche* e os *Volksdeutsche* em relação às políticas da AO – como veremos ulteriormente, esta cisão influía inexoravelmente na determinação de quem poderia ou não ser incluso na *Volksgemeinschaft*.

Os anseios da AO estavam em perfeita consonância com o ideário nacionalista pangermânico, uma vez que, de acordo com Dietrich (2007), o pangermanismo era “um dos pilares do nazismo”. Seu projeto primordial baseava-se na união de todos os alemães natos “em um grande império que se estenderia inclusive à África e à América.” (2007, p. 145). Daí, a alegação de Moraes (1996), segundo a qual os nazistas eram adeptos da noção de “Grande Alemanha”, advogada pelos pangermanistas oitocentistas.

O objetivo de integrar os alemães no exterior (*auslandsdeutsche*) à germanidade (o que, no caso da NSDAP-AO e dos nazistas, poderia ser entendido como integrar os alemães de todo o mundo à Comunidade Étnica do Povo sob os auspícios do III Reich e do ideal nazista, corporificado na pessoa do *Führer*) passava pela inserção do NSDAP nos núcleos de alemães no estrangeiro. À *Auslandsorganisation* competia formular as diretrizes que deveriam ser seguidas pelos *Landesgruppen* nos países hospedeiros e “centralizar as atividades de propaganda do partido no exterior.” (DIETRICH, 2007, p. 146). Oriundo desta lógica estava o intuito secundário da agenda de política externa alemã: o de consolidar relações com as comunidades de imigrantes e doutriná-las (NOCERA, 2005). Intuito esse que não poderia atrapalhar os objetivos primeiros da Alemanha com estes países – os econômicos, sobretudo. Portanto, a AO deveria atentar a este princípio e “nazificar” as associações e comunidades alemãs com certa parcimônia, evitando maiores implicações no meio político dos países hospedeiros. (DIETRICH, 2007; MORAIS, 1996). Segundo Magalhães (1998, p. 136), a “A.O. recomendava a seus membros e simpatizantes que não participassem da política local de seus países de hospedagem (*Gastländer*)”. Suas ações deveriam ficar adstritas aos alemães, algo que nem sempre era respeitado, como observa esta autora.

Estes preceitos seguidos pela AO para com as comunidades de alemães no exterior influenciaram sobremaneira os alemães estabelecidos no Brasil e no Chile, bem como em outros países latino-americanos. Gaudig e Veit (1995) ressaltam a visão que os nazistas possuíam em relação aos alemães e teuto-descendentes

instalados em países importantes do cenário latino-americano (como os do cone sul), não obstante seu principal desígnio:

Los nazis consideraban a la población de origen alemán en los más importantes países de Latinoamérica como un importante factor económico en el sistema social de esos países y, al mismo tiempo, como un blanco al que se debía cooptar a fin de extender la soberanía del nacionalsocialismo sobre todos os alemanes en el mundo, [...] que, debido a su origen nacional y racial, obedecía a una 'voluntad común' encarnada en el Partido Nacionalsocialista y en la persona del Führer. (GAUDIG E VEIT, 1995, p. 1).

Vê-se que os objetivos da *Auslandsorganisation der NSDAP*, no que concerne às comunidades de alemães no estrangeiro, estavam em conformidade com o caldo ideológico nacionalista dos pangernamistas, especialmente por seu caráter expansionista e pelo intento de estabelecer a *Volksgemeinschaft*. Ilação esta que encontra seus fundamentos na própria finalidade secundária da Alemanha nazista, por meio da Seção ou Organização do NSDAP para o exterior (AO), de estabelecer maiores vínculos com os *auslandsdeutsche* e propagar o ideário nazista no meio das comunidades destes, objetivando doutriná-las e estendendo “la soberanía del nacionalsocialismo sobre todos os alemanes en el mundo [...]”. (GAUDIG e VEIT, 1995, p. 1). Porém, como veremos no decurso dessa análise, a inserção tanto do ideal como da máquina partidária nazista nas comunidades alemãs instaladas no Brasil e no Chile não ocorreu de forma harmônica e com a total adesão dos imigrantes, como a historiografia do pós-guerra sobre a temática considerou. As fricções e residências de imigrantes alemães e de determinadas associações diante dos nazistas eram constantes.

AS RELAÇÕES CHILENO-ALEMÃS E BRASILEIRO-ALEMÃS.

As relações diplomáticas entre os países latino-americanos tratados e a Alemanha giravam em torno, sobretudo, dos interesses comerciais. No Chile, “la ofensiva comercial alemana había recommenzado, tras haberse detenido durante los años veinte, a mediados de la década siguiente.”. (NOCERA, 2005, p. 3). O intento de estabelecer laços comerciais sólidos com o Brasil e o Chile pôs, inclusive, a AO como o órgão responsável por colher e analisar informações que assinalassem a possibilidade, nos *Gastländer*, de se consolidar relações comerciais. (MAGALHÃES, 1998, p. 136). A influência alemã nas relações internacionais chilenas e brasileiras contrastava com a influência maior dos norte-americanos na região, em meados do decênio de 1930 e seu final. Como observa Nocera (2005, p. 3):

La ofensiva norteamericana se habría acentuado en los años siguientes [à 1937] consiguiendo reemplazar completamente la presencia alemana, pero en 1937-1939 la situación era incierta y la expansión comercial quedaba como objetivo primario de Berlín en América Latina.

Em similitude, no caso brasileiro, a Alemanha tinha o mesmo intuito: o de endossar as relações econômicas, além de o já citado e referendado objetivo segundo da agenda de política externa nazista, que era o de estabelecer vínculos com as comunidades alemãs no estrangeiro. Mas também havia, no período das relações amistosas entre estes dois países, o intuito de união para o combate ao comunismo.

De certa forma, podemos dizer que era necessária a manutenção das posições neutras dos países latino-americanos para o mantimento de relações econômico-diplomáticas satisfatórias. Os nazistas, de acordo com Gaudig e Veit (1995), realmente buscavam manter estes países neutros face à Segunda Guerra. “Al estallar la Segunda Guerra Mundial, la política alemana estaba interesada en mantener la neutralidad de los países latinoamericanos [...]” (GAUDIG e VEIT, 1995, p. 1), sobretudo quando os EUA entraram no conflito. Contudo, este intuito só se concretizou com maior afinco no Chile, uma vez que o Brasil, além de proibir o NSDAP em 1938, também se tornou uma nação beligerante no início dos anos de 1940 ao lado dos aliados.

Segundo Nocera (2006), os nazistas viam as próprias comunidades alemãs como meio para, tacitamente, manter o Chile e o Brasil neutros no decurso da Segunda Guerra. “Su objetivo político, más bien era el de mantener a los países de la región en una posición neutral (frente a las crisis de los años treinta y sobre todo frente a la guerra mundial).” (NOCERA, 2006, p. 44). Logo, a presença das comunidades de imigrantes alemãs no Chile e no Brasil, no contexto das relações diplomáticas, repousava nesse intento. Ademais, a posição neutra do Chile, praticamente, foi um dos *modus operandi* desta nação diante dos dois conflitos mundiais do século passado. “Tanto Argentina como Chile fueron naciones neutrales durante la Primera y Segunda Guerra Mundial.”. (RUSSELL e TOKATLIAN, 2000, p. 36).

Além disso, fatores outros como distância geográfica da zona de conflito, a posição da opinião pública, a conjuntura política interna (no caso chileno, com os partidos de direita advogando o mantimento da neutralidade e os de esquerda o rompimento das relações com o eixo (NOCERA, 2005)) e a pressão alemã e

americana influíram nas relações internacionais chileno-alemãs. Em suma, fatores endógenos contribuíram, particularmente, para a neutralidade chilena.

Usando a teoria dos “jogos de dois níveis”, a qual postula que a política doméstica de uma nação influencia demasiadamente sua política diplomática externa (PUTNAM, 2010), vemos que tanto fatores exógenos como endógenos influenciaram na manutenção da neutralidade chilena até 1943, ano em que esta nação rompeu as relações com as potências do eixo. Tal fato explica-se à luz da teoria dos “jogos de dois níveis”, pois, no plano político interno, não só boa parte da opinião pública como também os partidos de direita chilenos, como argumenta Nocera (2005), estavam ávidos por manter a neutralidade do país em face ao conflito que se desenrolava internacionalmente. Obviamente que esse cenário interno foi importante para o mantimento da política externa chilena de neutralidade e conseqüente conservação de suas relações com a Alemanha.

Não só aplicável ao caso chileno, mas também ao brasileiro, a teoria de Putnam (2010) também ajuda-nos a elucidar como fatores externos e internos foram responsáveis pelo rompimento das relações brasileiro-alemãs e posicionamento desta nação junto aos aliados. Entretanto, uma análise mais pormenorizada das relações internacionais dos dois países tratados à luz de teoria de relações internacionais foge um pouco do escopo deste estudo, mas não nos impede de empregarmos a teoria de Putnam (2010) por seu caráter heurístico, e uma vez que a neutralidade foi um fator preponderante para a ação do NSDAP no Chile e para sua efetividade.

No período das assim chamadas por Dietrich (2007) “relações cordiais de amizade” brasileiro-alemãs, que abrange os anos de 1928-38, havia uma relação de auxílio mútuo para o combate ao comunismo entre a GESTAPO (*Geheime Staatspolizei* – polícia secreta do Estado) e a polícia brasileira, sob o comando de Filinto Müller (Cancelli, 1993), cujas ações repressivas de cunho político se endossaram no período do Estado Novo. Cancelli (1993, p. 90) pondera que o pacto entre o Brasil e a Alemanha relativo ao combate ao comunismo girava em torno de certos eixos, a saber: a troca de informações entre as polícias destes países sobre o comunismo e quaisquer ideologias que eram contra o Estado; “intercâmbio de material, informações e provas sobre o comunismo [...] e outras ideologias contrárias ao Estado”; a vigilância de possíveis ações comunistas; “trabalho mútuo fora do

Brasil e da Alemanha; e o encaminhamento de ideias sobre a ação dos policiais para o combate e possível execução de comunistas, anarquistas etc”.

A Alemanha, por meio da seção do Ministério do Exterior responsável pelo combate ao comunismo e de questões raciais (*Referat Deutschland*), pleiteava, em 1936, a adesão dos países do Cone Sul ao “acordo alemão-japonês-italiano para o combate ao bolchevismo”, acordo este que não foi ratificado. (O BRASIL E O III REICH, 1968, p. 9). O ministro da justiça e negócios interiores brasileiro, Dr. Francisco Luís da Silva Campos, neste mesmo ano, também estava ávido por realizar uma “exposição anti-Comintern” e cogitava a possibilidade de enviar “um ou dois funcionários policiais ou administrativos brasileiros” para obterem informações acerca dos métodos usados para o combate ao comunismo na Alemanha. (O BRASIL E O III REICH, 1968, p. 11-12).

No caso brasileiro, os fatores endógenos (a política nacionalista) e os exógenos (a pressão diplomática americana pós-1941, o flerte de Getúlio junto aos EUA, buscando apoio para o progresso de industrialização incipiente do país (TOTA, 1978)) e seus inextricáveis vínculos foram contributos para o rompimento das relações com a Alemanha e a entrada do Brasil no conflito.

Tangenciando, ainda, essas relações diplomáticas, Tota (1987, p. 50) coloca que Getúlio soube manter uma política de aproximação tanto com os EUA quanto com a Alemanha. Política essa que ocorria, segundo Gambini. (1977), conforme as conveniências (como a possibilidade de adquirir produtos industrializados alemães por meio de crédito ou de adquirir empréstimos americanos) e o desenrolar do conflito. Como salienta Tota (1987, p. 50): “Vargas soube tirar proveito das contradições entre o imperialismo alemão e o norte-americano, através de uma política externa, conhecida como política pendular.”. Isso lhe possibilitou consolidar uma equidistância relativa entre estas duas potências no decurso da Segunda Guerra, a despeito dos aspectos ditos, segundo este autor, “nazi-fascistas” de seu governo, em referência clara aos aparatos repressivos do Estado, sob os auspícios de Filinto Müller.

Este jogo duplo brasileiro entre os EUA e a Alemanha também é analisado por Gambini (1977), que elenca as vantagens alemãs no Brasil, as quais podiam corroborar o possível êxito de sua política diplomática neste país. As vantagens alemãs baseavam-se, sobretudo, nos simpatizantes internos do regime nazista (como os integralistas) e no corpo diplomático de que dispunha. O autor apresenta

os números de funcionários da embaixada alemã face ao da americana, pontuando que os alemães possuíam 200 funcionários e os americanos 40 em suas respectivas embaixadas. Além disso, o citado jogo duplo “era alimentado pelo próprio desenvolvimento do conflito no plano externo.” (GAMBINI, 1977, p. 79). Outra característica importante era a implementação, por parte dos EUA, de uma política de solidariedade continental que, inclusive, reconhecia a relevância do Brasil no conflito.

Por outro lado, no caso chileno, como pontua Nocera (2005), a maior parte da população, não obstante os partidos de esquerda advogarem, a partir de 1941, uma inclinação aos aliados e os de direita, a neutralidade, era favorável ao mantimento das relações tanto com o eixo como com os aliados. Isto contribuiu para o mantimento da neutralidade chilena até 1943, além dessa neutralidade garantir maior liberdade de ação ao NSDAP chileno.

OS LANDESGRUPPEN DO NSDAP NO BRASIL E NO CHILE E OS MOVIMENTOS FASCISTAS LOCAIS

Gaudig e Veit (1995, p. 2) colocam que os primeiros fundadores dos *Stützpunkte* (pontos de apoio) e *Ortsgruppen* (grupos locais) do NSDAP na América Latina chegaram pouco tempo depois do término da Primeira Guerra. Segundo estes mesmos autores, os primeiros grupos locais do NSDAP no Brasil e no Chile se constituíram nos princípios dos anos de 1930 e em 1932, respectivamente. A constituição de grupos do NSDAP no estrangeiro ocorreu antes da própria ascensão dos nazistas ao poder em 1933. Para controlar e comandar os grupos nazistas no exterior, havia a *Auslandsorganisation* – A.O, como explicitado no tópico primeiro.

Desta forma, a estrutura organizacional seguia os níveis hierárquicos da *Auslandsorganisation*. Dietrich (2007) salienta estes níveis, colocando que a AO possuía o nível de *Gau* (comarca: um distrito regional, onde o partido atuava – semelhante aos distritos em países parlamentaristas de voto distrital), porém com atributos não regionais, mas específicos referentes aos alemães e ao NSDAP no exterior. A própria AO estava no terceiro nível organizacional da estrutura partidária nazista.

Além disso, a AO, em seu âmago, possuía uma hierarquia particular, voltada para organizar os grupos nazistas no estrangeiro. Em um primeiro nível, estava o chefe da AO, Ernst W. Bohle, seguido, secundariamente, dos 83

Landesgruppenleiter, chefes dos grupos-países (como Hans Henning von Cossel, o chefe do NSDAP brasileiro, e Willy Köhn, equivalente do NSDAP chileno) do NSDAP e o terceiro e último nível, correspondendo aos *Orstgruppenleiter*, chefe dos grupos locais (como os do Rio de Janeiro e de Santiago). (DIETRICH, 2007, p. 144).

No Brasil, a trajetória oficial do NSDAP, bem como no Chile, iniciou-se antes da própria ascensão de Hitler ao poder na Alemanha (1933). De acordo com Moraes (2008) o primeiro *Orstgruppe* do NSDAP se consolidou em Timbó - SC, em 1928, antes mesmo da constituição de um órgão do Partido Nazista responsável pelas agremiações nazistas no exterior (a já mencionada AO, cuja fundação foi em 1931). Por sua vez, Dietrich (2007, p. 170), além de ratificar esta data e localidade de criação do primeiro *Orstgruppe* no Brasil, coloca ainda que “o grupo regional de Timbó do partido nazista não foi só o primeiro do Brasil, mas também do movimento nazista no exterior”.

Mesmo com o caráter majoritariamente agrário da comunidade alemã no Brasil, a doutrinação nazista se dava não apenas pela presença esporádica de *parteigenossen* (membros do NSDAP, partidários) nas “colônias agrícolas”, mas também através da educação infantil, guinada para o nacional-socialismo, nas escolas e até nas rádios em língua alemã que os adultos escutavam. (DIETRICH, 2007). No campo, não havia a institucionalização de uma “máquina partidária”, característica principal do nazismo urbano, que corroborava o êxito do NSDAP nos grandes centros urbanos (como em São Paulo e em Santiago), com ressalvas (o *Orstgruppe* do Rio de Janeiro encontrou muita residência da comunidade alemã carioca, como pondera Dietrich (2007)).

A comunidade alemã estabelecida no Chile tinha o caráter mais citadino. Isto, de certa forma, figurava-se como contributo para a maior efetividade do NSDAP e anexação de *Reichsdeutsche* às fileiras do partido. Conforme mostra-nos Gaudig e Veit (1995), o percentual de filiados ao NSDAP chileno era de 10% em 1937. Neste mesmo ano, um ano antes do encerramento das atividades do partido, havia 985 membros no *Landesgruppe* chileno. Já no *Landesgruppe* brasileiro, esta percentagem girava em torno de 5%. Todavia, como o número de alemães filiados era proporcional ao número de imigrantes (de *Reichsdeutsche*) instalados no país, o número de filiados no Brasil era, em 1937, consideravelmente maior que o do Chile. Este número de filiados foi de até 2903 membros. (DIETRICH, 2007, p. 170).

Para, formalmente, um indivíduo ser membro do partido, ele deveria ser, antes de tudo, *Reichsdeutsche* (como pode ser visto na circular da AO, de Bohle, já citada), isto é, alemão nato, que gozava de certo vínculo jurídico com o Estado nazista alemão – possuir cidadania alemã. Este critério foi uma das características do sectarismo radical do partido que consistia na aceitação como membros da *Volksgemeinschaft* e do próprio NSDAP somente alemães natos (*Reichsdeutsche*). Os teuto-descendentes, oficialmente falando, não eram aceitos nas fileiras do NSDAP, algo que ocorria mais explicitamente no Brasil. Os *parteigenossen* viam nos teuto-descendentes e também naqueles que eram casados com brasileiras uma ameaça à *Volksgemeinschaft* e ao ideal de raça ariana (DIETRICH, 2007; MORAIS, 1995). A miscigenação, na visão da AO e dos partidários, figurava-se como uma digressão inconcebível.

O NSDAP ainda manteve certas relações com os movimentos fascistas locais, isto é, o integralismo brasileiro (AIB: Ação Integralista Brasileira, sob o comando de Plínio Salgado) e o nazismo chileno (MNS: *Movimiento Nacional-Socialista*, sob o comando do “El Jefe”, Jorge González von Marées). Foge do escopo desta análise ponderar estes dois movimentos político-ideológicos de forma pormenorizada. O que vale salientar é que, no caso das relações AIB-NSDAP, conforme nos coloca Dietrich (2007), a historiografia aponta duas vertentes: a separatista, que envolve autores que enfatizam a total cisão entre o NSDAP e o integralismo, e a colaboracionista, que salienta o total vínculo colaborativo entre estes dois fascismos. Como no *Landesgruppe* brasileiro a observância às restrições de quem poderia ou não ser um *parteigenossen* era mais radical que a do seu equivalente chileno, apesar das exceções, muitos teuto-descendentes viam na AIB uma opção para um engajamento político, o que, de certa forma, implicava em conflitos com os nazistas. (DIETRICH, 2007). Os nazistas viam o integralismo como um nativismo lusitano (*Iusotum*), uma ameaça ao *Deutschtum*. Não obstante, ideologicamente, estes dois fascismos compartilhavam do anti-semitismo e do anti-comunismo. (DIETRICH, 2007).

Por sua vez, o nazismo (um eufemismo da palavra “nazismo”, segundo Maldonado (2005, p. 1)) chileno possuía raízes germânicas, pois este fascismo foi fundado, em 1932, por alemães chilenos e desde sua origem já tinha vínculos com o NSDAP, segundo Nocera (2006). Ele também recebia apoio material e logístico do NSDAP. Contudo, este autor é claro em salientar “[...] que las relaciones entre el

NSDAP y el Movimiento Nacional Socialista fueron pasajeras a causa de la intención del partido nazista chileno de controlar y hegemonizar el naciismo chileno [...]” (NOCERA, 2006, p. 54). Maldonado (2005) enfatiza, também, o caráter germanófilo do MNS e a posterior crítica de seu líder, Von Marées, à política nazista e ao seu ideário, sete meses antes das eleições de 1938. Já, conforme coloca Sznajder (2001), ideologicamente, o naciismo diferia do nazismo pelo fato do primeiro rechaçar o arcabouço dito “pagão” do último e se voltar para o cristianismo, colocando-o como uma “moderna religião política”. Salienta este autor a distância que o MNS tomou do NSDAP, apesar de haver um grande percentual de imigrantes alemães nas fileiras do MNS. Grosso modo, podemos concluir que as noções de separatismo e colaboracionismo, vigentes na historiografia brasileira sobre a relação AIB-NSDAP, também podem ser aplicáveis à relação MNS-NSDAP, de certa forma, porque houve momentos, especialmente durante o surgimento do MNS, de maior colaboração e outros momentos de total separação entre ambos os movimentos políticos-ideológicos.

A PENETRAÇÃO IDEOLÓGICA NAS COMUNIDADES ALEMÃS

la política de penetración ideológica al interior de las colonias de inmigrantes fue incesante y provocó no pocas fricciones con los gobiernos latinoamericanos, a pesar de que la organización en el extranjero del partido nazista (*Auslandsorganisation*) tuviese instrucciones de actuar con moderación para no irritar a las autoridades locales (NOCERA, 2006, p. 44).

É disseminada pela historiografia do pós-guerra a noção de que as comunidades alemãs na América Latina e, em especial, as dos países do cone sul, eram blocos monolíticos que “adhirieron em masa, política e ideologicamente al nazismo”. (NOCERA, 2006, p. 45). Noção essa assinalada e refutada por Nocera (2005; 2006) e por Gaudig e Veit (1995). Como nos mostram estes autores, esta perspectiva não encontra respaldo na realidade, embora ocorresse em casos excepcionais. A assimilação de forma harmônica do ideário nazista, por parte das comunidades alemãs, era uma exceção face aos conflitos constantes entre o NSDAP e estas comunidades e associações inerentes. Conflitos e resistências à propagação do nacional-socialismo no meio dos alemães configuravam-se como características permanentes na tentativa de nazificação dos núcleos de imigrantes e teuto-descendentes e só foram ultrapassadas pelo esforço propagandístico do NSDAP, em certos casos. Não obstante, esta propagação ideológica provocou,

segundo Nocera (2006), atrito com as autoridades locais. As comunidades de alemães no Chile e no Brasil agiram de maneiras diferentes frente ao NSDAP, como salientaremos neste tópico.

Tanto no Chile como no Brasil, o enfoque do processo de doutrinação se dava em relação às associações e instituições germânicas, uma vez que estas poderiam tornar-se instrumentos de propaganda o que, per si, era uns das funções da AO face aos alemães no exterior e se fazia imprescindível para o projeto nazista. Conforme Nocera (2005, p. 3): “La obra de adoctrinamiento ideológico que desarrollaron los núcleos nazis se dirigía básicamente a las variadas asociaciones e instituciones ya existentes (como la Liga Chileno-alemana, las escuelas o las parroquias luteranas).” Gaudig e Veit (1995, p. 4), no que se refere a este processo de “nazificação”, explicitam as alegações de Ernst Wilhelm Bohle, chefe da AO, que situava, como ponto inicial deste processo, escolas e paróquias cristãs: “Las escuelas alemanas y las parroquias luteranas y católicas son el punto de partida más adecuado para extender nuestra ideología nacional-socialista.”.

A conjuntura política brasileira afetou negativamente, diferentemente do que se deu no Chile, o NSDAP, seu projeto e intentos relativos aos alemães aqui estabelecidos. Devido à política nacionalista brasileira, observam Gaudig e Veit (1995, p. 9), “[...] la independencia cultural de los brasileños de origen extranjero fue reprimida casi por completo, y por consiguiente también el trabajo del NSDAP.”. Não obstante a isso, o próprio embaixador alemão no Brasil assinalava em relatório político que o presidente Getúlio Vargas estava “obcecado com a ideia de eliminar as diferenças étnicas existentes na população brasileira, e criar uma raça brasileira homogênea [...]”. (O BRASIL E O REICH, 1968, p. 28).

O projeto político de unidade nacional brasileiro foi um contributo para o baixo percentual (de 5 %, segundo os autores, defronte aos 10% do caso chileno (1995, p. 12) de alemães natos que aderiam ao partido, juntamente, sem sombra de dúvida, com os conflitos entre o NSDAP e os núcleos de alemães, além da questão geográfica. Toda esta tendência nacionalista brasileira, assinalam os autores, culminou no fracasso do NSDAP em intervir diretamente nas escolas alemãs, o que não ocorreu no Chile, onde o NSDAP teve mais liberdade de ação. (GAUDIG e VEIT, 1995, pp. 8-9). Essa questão pode ser ilustrada se observarmos as preocupações do embaixador alemão no Brasil em 1938, o qual questionava as ações brasileiras contra os membros do NSDAP e escolas alemãs (O BRASIL E O

REICH, 1968, p. 27-28). As igrejas, também, apesar de possuírem pastores luteranos “que queria introducir um fundamento ideológico nazi em la iglesia alemana del Brasil” foram cautelosas no processo de doutrinação, argumentando que poderia ocorrer problemas com o governo brasileiro, caso elas estabelecessem “vínculos demasiado estrechos con el NSDAP.”. (GAUDIG e VEIT, 1995, p. 7).

Concernente às fricções, em análise do *Orstgruppe* do Rio de Janeiro, Dietrich (2007) aponta que “o grupo do partido no Rio de Janeiro não estabeleceu imediatamente relações de confiança na colônia. Pelo contrário, o partido encontrou muita resistência da colônia local, enfrentando um longo processo de reconhecimento.” (DIETRICH, 2007, p. 246). A querela entre o NSDAP e a colônia alemã fluminense foi tal que, por causa da crise de gestão partidária entre 1932 e 1933, a AO incumbiu o *Vertrauensmann* (homem de confiança) do partido na America do Sul, e também *landesgruppenleiter* (líder do grupo-país do NSDAP) chileno, Willy Köhn, para chefiar o grupo local do Rio de Janeiro até 1934, a fim de solucionar a crise que afetava todo o *Landesgruppe* brasileiro e para substituir temporariamente Herbert Guss na chefia do partido (MORAES, 1996 e DIETRICH, 2007). Esta incumbência dada a Willy Köhn e a consideração que a AO tinha em relação a este partidário – a ponto de a AO designá-lo como comissário da América Latina (MORAIS, 1996) – ilustravam o próprio êxito que o *Landesgruppe* chileno gozava em analogia aos outros *Landesgruppen* dos países do Cone Sul, tanto do ponto de vista de cooptação de partidários como em matéria de doutrinação. Nocera (2005, p. 3), relativo a isso, salienta que:

Antes del comienzo de la Segunda Guerra Mundial, el balance en Chile en relación con la penetración ideológica y el alineamiento de las organizaciones existentes era para la estructura local del NSDAP y para los jefes del Auslandsorganisation (AO) en Berlín más que positivo y sin duda más rico que el que presentaban Argentina y Brasil, los otros países por los cuales se interesó el nazismo.

Houve associações alemãs chilenas que resistiram à interferência nazista. A *Deutsch Chilenischer Bund* (Liga Chileno-Alemã, DCB), por exemplo, rechaçou o intento do NSDAP de colocar um de seus membros na gerência da instituição. Esta instituição tinha o receio de tomar uma posição política e alegava isso quando não aceitou um dos *parteigenossen* no seu comando. Enfatiza Gaudig e Veit (1995, p. 4) que, após outros conflitos e o rechaço da DCB em adotar o nazismo e a atuação política, a mesma “fue castigada con la eliminación de toda ayuda financiera del

Reich, lo que les obligó a funcionar entonces con un gran déficit.” Eis um dos *modus operandi* do Reich e, por conseguinte, da AO em relação às associações e/ou instituições alemãs que eram hostis ao NSDAP: o corte no auxílio financeiro como modo de pressionar as mesmas a aderirem à bandeira nazista (posteriormente, após inúmeras pressões, a DCB aderiu ao nazismo em 1935). Em suma, “[...] las organizaciones que opusieron resistencia [ao NSDAP] se les privo de ayuda económica.”. (NOCERA, 2005, p. 3). Por outro lado, havia agremiações juvenis que estavam orientadas ao nazismo no Chile. É o caso da *Deutsche Jugendbund für Chile* (Liga Juvenil Alemã do Chile, DJC), cuja existência se deu, inclusive, antes de 1933.

O meio imprescindível de que os nazistas se valiam para doutrinar os *auslandsdeutsche* era a propaganda, atributo elementar da política nazificadora. Joseph Goebbels, ministro da propaganda do III Reich, também agia sobre a AO, e esta se responsabilizava pela propaganda junto às comunidades alemãs fora da Alemanha. Para a propaganda e sua divulgação no Brasil e no Chile, os diversos periódicos de cunho nazista constituíam-se como instrumentos de doutrinação. Dentre esses periódicos estavam o brasileiro *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã) e o chileno *Mitteilungsblatt der NSDAP – Landesgruppe Chile* (Boletim informativo do NSDAP no Chile). Em geral, a propaganda nazista no estrangeiro ressaltava a responsabilidade do *auslandsdeutsche* para com sua *Heimat* (pátria-mãe). (DIETRICH, 2007).

No Chile, de acordo com Gaudig e Veit (1995), inicialmente, a comunidade alemã rechaçou as propostas do NSDAP e sua implantação como partido, mesmo sendo em sua maioria nacionalista e conservadora. No decorrer da década, o mesmo viu na propaganda algo que eliminaria este óbice à nazificação e acabaria com os conflitos entre o NSDAP e outras associações alemãs. Isto dependeria, claramente, da liberdade de trânsito de informações (liberdade de imprensa), algo que, devido à própria tradição democrática chilena, era assegurado. De certa forma, a propaganda nazista tornou-se tão notória no Chile a ponto dos EUA, após sua entrada na Segunda Guerra, denunciar a formação de uma suposta “Quinta coluna”. Além disso, denunciava ainda as supostas espionagens nazistas no Chile e a leniência das autoridades em face destas presumidas constatações. “La embajada estadounidense en Santiago y el Departamento de Estado observaban, en efecto, con preocupación la campaña de promoción nazi.” (NOCERA, 2005, p. 8). Para

Nocera (2005, p. 8), a Casa Branca via na numerosa comunidade alemã instalada no Chile, além de “um recurso para la penetración nazi”, um meio pelo qual poderia ser arquitetado um *coup d'état* nazista neste país andino. Este receio também estava vinculado com a presença de oficiais militares alemães ou de origem alemã no exército chileno.

Outro aspecto preponderante para a penetração ideológica foi a questão da distribuição geográfica. A comunidade alemã no Brasil era, no geral, agrária e estava instalada no interior da região sul do país. Diferentemente, a comunidade alemã chilena estava mais presente no meio citadino. “A diferencia de Chile y Argentina, la mayoría de los alemanes en Brasil vivían dispersos, preferentemente en regiones rurales del sur del país. Este hecho complicó considerablemente el proceso de la alineación.” (GAUDIG e VEIT, 1995, p. 7). Não obstante a isto, estes autores salientam que o NSDAP teve mais êxito nos grandes centros urbanos. Como no Chile a comunidade alemã era mais citadina que a brasileira, a efetividade do NSDAP chileno foi maior que a de seu equivalente brasileiro, pois no meio citadino os instrumentos da máquina partidária e de propaganda eram mais eficazes (DIETRICH, 2007).

As próprias particularidades da política interna brasileira contribuíram para fracasso e não efetividade do processo nazificador, junto aos alemães instalados neste país, apesar de Dietrich (2007) enfatizar que o *Landesgruppe* brasileiro possuía um número consideravelmente significativo de adeptos o que lhe conferia certa representatividade. Além disso, a própria dispersão da comunidade alemã no Brasil, em núcleos semi-isolados rurais, principalmente, no sul deste país, corroborou o fracasso deste processo (GAUDIG e VEIT, 1995).

Por fim, relativo ao Chile, se a ação do NSDAP teve implicações quase nulas ou secundárias nas relações chileno-alemãs e na posição neutra desta nação (NOCERA, 2005), a neutralidade foi um contributo para o êxito do NSDAP junto aos alemães estabelecidos no país. Além disso, o governo chileno não implementou uma política nacionalizadora como o governo brasileiro fez, e a comunidade alemã chilena era mais citadina que agrícola, diferente da brasileira. Estas características influíram no percentual de 10 % de partidários em relação ao número de *Reichdeutsche* instalados no Chile face ao percentual de 5% em relação aos instalados no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso desta ponderação, vimos que as características do *Landesgruppen* do NSDAP no Brasil e no Chile eram distintas e que estas influíram sobremaneira na efetividade do NSDAP juntos aos imigrantes e descendentes alemães instalados nestes países. Elas contribuíram também para o maior percentual, em termos relativos, de adeptos ao NSDAP no Chile (de 10% defronte aos 5% brasileiro, segundo Gaudig e Veit (1995)) em relação ao brasileiro.

Buscamos analisar a questão do pangermanismo e da *Auslandsorganisation* (AO) o que fez-nos observar que a AO estava incumbida de reger as ações dos *Landesgruppen* no exterior e que este aparato inerente ao Estado nazista estava imbuído do ideário dos pangermanistas oitocentistas. Além disso, estudamos os *Landesgruppen* chileno e brasileiro, seu envolvimento com os movimentos fascistas locais e as relações diplomáticas brasileiro-alemãs e chileno-alemãs de modo a auferirmos as implicações destes aspectos no *modus operandi* do NSDAP nestas nações. Os resultados auferidos ao longo deste estudo foram imprescindíveis e lançaram luz à complexa ação do NSDAP nos dois países tratados.

REFERÊNCIAS

BERTONHA, João Fábio. Amanhã o mundo? Uma análise da produção histórica recente sobre os objetivos internacionais da Alemanha nazista. *Via Mundi*. Brasília, v. 1, n.9, p.6-8, 2002.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora UNB, 1993.

CROW, Carl. *Japan's Dream Of World Empire: The Tanaka Memorial*. New York and London: HARPER & BROTHERS, 1942. Disponível em: <http://ww2hc.org/articles/japanmeinkampf.pdf> . Acesso em: 03 Mar. 2014.

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. 2007. 301 f. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 2007.

GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

GAUDIG, Olaf; VEIT, Peter. El Partido alemán Nacionalsocialista en Argentina, Brasil y Chile frente a las comunidades alemanas: 1933-1939. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*. Tel Aviv, vol. 6, n.3, 1995.

MALDONADO, Carlos. *Nazis y movimiento nazi en Chile, 1931-1945*. Santiago: CEME – Centro de Estudios Miguel Enríquez, 2005. Disponível em:

http://www.archivochile.com/Poder_Dominante/doc_gen/PDdocgen0007.pdf
Acesso em: 14 Mar. 2014.

MAGALHÃES, M. D. Brepohl. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã no Brasil*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1998.

MORAES, L. E de Souza. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer: a seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. 1996. 222 f. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

_____. O NSDAP no Brasil: problemas de pesquisa. In PARADA, Maurício (org). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

NOCERA, Raffaele. *Chile y la Guerra 1933-1934*. Santiago: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2006.

_____. La Ruptura con el Eje y alineamento con Estados Unidos: Chile durante la Segunda Guerra. *Historia*. Santiago, v. 38, n. 2, dez, 2005. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071771942005000200006&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 03 Set. 2013.

O III REICH E O BRASIL. Rio de Janeiro: Laudes, 1968.

PUTNAM, Robert D. Diplomacia e política doméstica: A lógica dos jogos de dois níveis. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 147-174, jun. 2010.

RUSSEL, Roberto; TOKATLIAN, Juan Gabriel. Los Neutrales en la Segunda Guerra Mundial. In: *Revista Ciclos: Los Nazis en la Argentina: política y economía*, vol. X, nº: 19, 2000.

SZNAJDER, Mario. Was there fascism in Chile? The Movimiento Nacional Socialista in the 1930's. In: LARSEN, Stein Ugelvik. *Fascism outside Europe: the European impulse against domestic conditions in the diffusion of global fascism*. New York: Columbia University Press, 2001.

_____. El Movimiento Nacional Socialista. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*. Tel Aviv, vol.1, nº: 1, 1990.

TOTA, Antônio Pedro. *O Estado Novo*. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed, 1987.